

“Repórter mirim na era do rádio”: o papel da escola na interação e aplicação dos gêneros orais na escola

Thaís Hoffmann dos Reis

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

thadosreis@ig.com.br

Resumo. *O gênero oral é utilizado diariamente por todos nós, contudo, percebe-se no cotidiano escolar, a priorização do gênero escrito. Sabe-se que tanto o gênero escrito como oral, são de fundamental relevância para indivíduo na interação com o seu contexto sócio-histórico-cultural. Contudo, cabe a escola, como espaço constituinte de relações de ensino e aprendizado, mediar a interação dos alunos com os saberes formais, de maneira que estes conhecimentos sejam relevantes para o educando e oportunizem novas situações de interação sócio- culturais. No município de Novo Hamburgo, existe um projeto da Secretaria Municipal de Educação (Smed), chamado “Repórteres mirins na era do rádio”, que visa oportunizar aos alunos momentos de interação com os acontecimentos da sua escola, do seu município, culturais, sociais e da sua comunidade; esse grupo é coordenado por um professor responsável. A pesquisa propõe o resgate do gênero oral dentro de uma escola da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo. Para tanto, far-se-á através de seqüências didáticas sobre os gêneros aplicados no cotidiano da rádio, buscando aprimorar as edições desta, pois se espera que os alunos sejam capazes de estabelecer relações com os gêneros orais e a aplicabilidade dos mesmos no desenvolvimento da rádio.*

Abstract . *The oral gender is used daily by all of us, however, it is noticed in the daily school, the priorização of the written gender. It is known that so much the gender written as oral, they are of fundamental relevance for individual in the interaction with his partner-historical-cultural context. However, the school fits, as constituent space of teaching relationships and learning, to mediate the students' interaction with you know them formal, so that these knowledge are relevant for the student and and oportunizem new situations of interaction partner - cultural. In the municipal district of Novo Hamburgo, a project of the Municipal General office of Education (Smed) exists, called little "Reporters in the era of the radio", that it seeks oportunizar to the students moments of interaction with the events of her school, of his municipal district, cultural, social and of her community; that group is coordinated by a responsible teacher. The search proposes the rescue of the genus oral within a school in the municipal school system of Novo Hamburgo. For both, shall be through sequences didactic on genders applied in daily radio, seeking meliorate editions this, because it hopes that the students are able to establish relations with the genders oral and their applicability in the development of the radio.*

Palavras-chave: gêneros orais; seqüência didática; rádio; escola

1. Situando o estudo

Neste artigo¹, problematizam-se algumas questões relevantes sobre os gêneros orais no contexto escolar, visto que esse, muitas vezes é esquecido pela escola e negligenciado pelos pesquisadores.

No município de Novo Hamburgo, existe um projeto da Secretaria Municipal de Educação (Smed), chamado “Repórteres mirins na era do rádio”, que visa oportunizar aos alunos momentos de interação com os acontecimentos da sua escola, do seu município, culturais, sociais e da sua comunidade. O grupo de repórteres mirins é coordenado por um professor responsável, que organiza as pesquisas, entrevistas, reivindicações, recados, avisos entre outros assuntos que serão apresentados na rádio da escola. Esse projeto, tem a parceria da rádio ABC900 (AM) de Novo Hamburgo. Não são todas as escolas que participam do projeto, pois é dada a liberdade de escolha para a adesão no mesmo.

Na escola onde leciono, há a “Rádio Papagaio” que semanalmente é apresentada para todos os alunos, funcionários e professores. Essa é constituída por 10 alunos, que se reúnem no turno da tarde com a professora responsável pela coordenação do projeto. O grupo reúne-se na biblioteca da escola para elaborar os recados, entrevistas, solicitações, e as matérias culturais que serão divulgadas nas edições da rádio. Estas são transmitidas para todas as salas de aula, através de caixas de som. Percebe-se no entanto, que as matérias trazidas pelos repórteres são muito mecanicistas e “presas ao papel”. Acredita-se que falta um trabalho direcionado para a compreensão, construção e aplicação dos gêneros orais, tão presentes no rádio. Com certeza, há a necessidade de elaborar textos que organizem e norteiem a programação da rádio, no entanto, é de fundamental importância que os alunos construam e desenvolvam conhecimentos e habilidades dos gêneros orais, para melhor elaboração e condução das entrevistas radiofônicas, das reivindicações, dos avisos, dos debates. Para isso, é importante que tanto os alunos repórteres, como os ouvintes, entendam a relevância do papel de cada um, pois o repórter, acaba tornando-se um mediador entre o público, o entrevistado e/ou reivindicação junto à equipe diretiva escolar e o município.

Dessa forma, propõe-se o resgate dos gêneros orais dentro da escola, que se fará através de seqüências didáticas sobre os gêneros aplicados no cotidiano da rádio. Sendo assim, será possível apontar os pontos positivos, que realmente foram relevantes, e os pontos que não ofereceram grandes mudanças, ou nos quais os alunos apresentaram mais dificuldade. Também, espera-se que os alunos sejam capazes de estabelecer relações com os gêneros orais e a aplicabilidade dos mesmos no desenvolvimento da rádio.

2. Articulação Teórica

As orientações do novo referencial teórico, os Parâmetros Curriculares Nacionais, de fundamentar o ensino de língua nos gêneros do discurso, desencadearam um elevado número de atividades de pesquisa visando tanto à descrição de gêneros como também a sugestões didáticas para sua utilização em sala de aula. A base teórica e a linha de investigação que sustentam essa pesquisa “amarram-se” naquilo que propõem autores como Bakhtin, sendo desenvolvido por Bronckart, Schneuwly, Dolz, Marcuschi, Vigotsky e outros.

¹ Excerto da dissertação do Mestrado em Linguística Aplicada – UNISINOS/RS, em fase de análise teórica.

Para Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são entendidos como uma forma característica de enunciação em que a palavra acaba por assumir uma expressão única, específica. Estão ligados a situações características de comunicação verbal, nas quais há uma profunda relação entre o significado das palavras e a realidade, o momento em que são empregadas, ou seja, o momento sócio-histórico de sua produção.

Em relação ao ensino formal, Dolz e Schneuwly (2004, p.51), fazendo uma releitura da teoria do discurso de Bakhtin, partem do princípio de que comunicar oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente e progressivamente por meio de uma estratégia chamada *seqüência didática*, ou seja, “uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”. Tendo em vista a diversidade dos gêneros e buscando fornecer aos alunos os instrumentos necessários para sua progressão, esses autores propõem os *agrupamentos de gêneros* em cinco domínios sociais: o do narrar, do relatar, do argumentar, do expor e do descrever ações. No âmbito da discussão de problemas sociais controversos, na esfera do argumentar, agrupam alguns gêneros como o diálogo argumentativo, a carta do leitor, o debate regrado, a resenha crítica, artigos de opinião ou assinados, o editorial, o ensaio entre outros.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), *gênero pode ser considerado um instrumento psicológico no sentido vygotskiniano do termo (...)* . (p.22). Desta maneira, podemos dizer que,

Na perspectiva do interacionismo social, a atividade é concebida como tripolar: a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências das gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam as experiências possíveis. Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age (...). a intervenção do instrumento – objeto socialmente elaborado – nessa estrutura diferenciada dá a atividade uma certa forma; a transformação do instrumento transforma (...) as maneira de nos comportarmos numa situação. (Schneuwly; Dolz, 2004, p.23)

Schneuwly e Dolz (2004, p.25), trazem uma figura que representa a *tripolaridade do instrumento*:

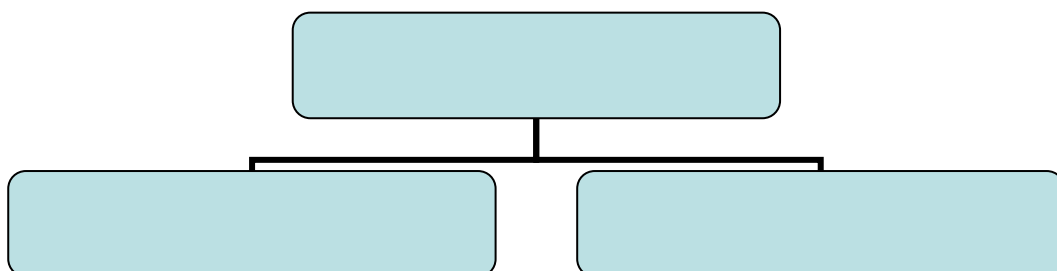


Figura 1. Esquema da Tripolaridade do Instrumento

Segundo Bakhtin (1992), os gêneros não só “regulam”, organizam, como também significam toda interação humana, são eles que orientam todo ato de linguagem². Para o falante, os gêneros constituem-se como parâmetros sociais para a construção de seus enunciados (quem sou eu que falo, quem é meu interlocutor, qual o propósito da minha fala, etc.). Para o interlocutor, os gêneros funcionam como um lugar de significação, pois dão “pistas” de como se processará a interação:

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

Dessa forma, o domínio de um gênero permite ao falante estabelecer sentidos e comportamentos nas diferentes situações de comunicação com as quais se depara.

2.1 Gênero oral: entrevista radiofônica

Na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, a escola, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação, portanto também aquela centrada na aprendizagem, cristaliza-se em formas de linguagem específicas. (Schneuwly e Dolz, 1999, p.7)

Contudo, a escola, na intenção e na “angústia” de ensinar a ler e escrever, acaba por focar seu trabalho pedagógico, principalmente nos gêneros escritos, negligenciando e muitas vezes até “esquecendo” dos gêneros orais, tão presentes no nosso cotidiano. Torna-se necessário que a escola cumpra seu papel de mediadora das relações entre os conhecimentos sócio-histórico-culturais e os “formais”, estabelecendo relações significativas entre estes.

Procura-se resgatar os gêneros orais no contexto escolar, através do projeto “Repórter mirim na era do rádio”, existente na escola³. Para isso, propõe-se desenvolver o gênero oral de *entrevista radiofônica*, sendo esse “*um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)*”. (Schneuwly e Dolz, 1999, p.13)

² A linguagem, apresenta-se neste trabalho, como articuladora essencial das práticas didático-pedagógicas estabelecidas em sala de aula e em outros espaços de aprendizagem.

³ EMEF M.M.P.G.

Uma entrevista consiste, em fazer falar uma pessoa *expert* em determinado assunto, esclarecendo as dúvidas de um *terceiro*. Diferentemente da conversa, a entrevista estrutura-se de maneira formal, procurando informar os *destinatários* (André-Larochebouvy, 1984; Kerbrat-Orecchioni, 1990).

Como sua organização é *altamente padronizada*, ela espera dos interlocutores, funções específicas, como um *jogo de papéis*, ou seja,

(...) o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas. Geralmente, os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois. (Schneuwly e Dolz, 1999, p.13).

Pensando na entrevista radiofônica, como um meio de desenvolver e construir novos conhecimentos e saberes, compreendendo a mediação e a relevância de seu papel nos mais variados contextos, além da *co-gestão* e da regulação da conversa informal, torna-se importante apresentar as três dimensões apresentadas por Schneuwly e Dolz como essenciais para a compreensão desse gênero:

1. O estudo do papel do entrevistador, concebido como mediador numa situação de comunicação entre um entrevistado, especialista num domínio particular, e um público destinatário, geralmente iniciante, constitui um meio para desenvolver o comportamento interativo verbal dos alunos. Nesse caso, o ensino organizado da entrevista contribui para a construção de uma representação de um papel público diferente da identidade privada dos interlocutores. Desta forma, os alunos começam a tomar consciência do papel e das funções do entrevistador, do entrevistado e do público numa entrevista radiofônica. Aprender a viver o papel de entrevistador supõe a interiorização do papel dos outros dois atuantes. Procura-se, assim, estabelecer instâncias internas de regulação que permitem ao aluno conduzir, com discernimento, a tarefa de entrevistar.

2. O estudo da organização interna da entrevista: as diferentes partes que compõem a estrutura canônica global de uma entrevista (abertura, fase de questionamento ou núcleo e fechamento) e a planificação da fase de questionamento permitem uma aprendizagem de algumas características essenciais do gênero entrevista, aliadas ao papel de entrevistador.

3. O trabalho sobre a regulação local, no decurso da entrevista, dos turnos, a formulação de questões e a utilização, da parte do entrevistador, de intervenções rápidas permitem dar corpo, continuidade

e retomada ao tema abordado pelo entrevistado com novas questões ou comentários. (1999, p.13-4)

A entrevista radiofônica, que apresenta uma relativa simplicidade do ponto de vista contextual e da demarcação dos papéis, facilita o acesso a outros gêneros e constitui-se de acordo com Schneuwly e Dolz (1999), *um lugar que permite o distanciamento do aluno*, ou seja, “*o aluno aprende a tratar e a interiorizar um papel social para si próprio e o papel dos outros parceiros*” (Schneuwly e Dolz, 1999, p.14)

2.2 Seqüência didática

A seqüência didática é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (Schneuwly e Dolz, 2004).

A estrutura de base de uma seqüência didática é constituída pelos seguintes passos: *apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final*, como demonstra o esquema abaixo (Dolz e Schneuwly (2004, p. 98):

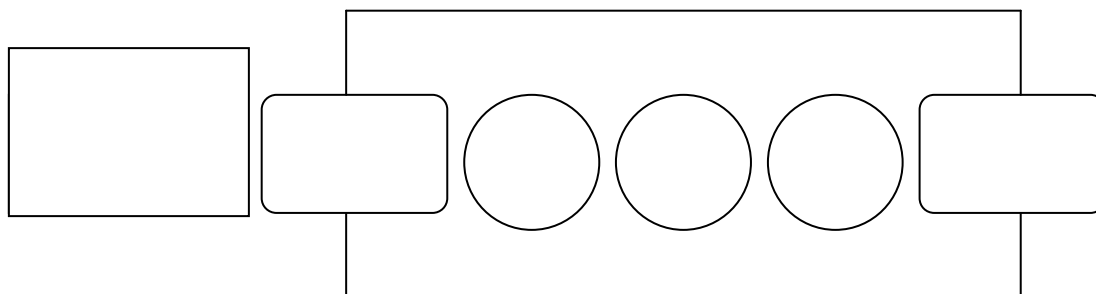


Figura 2. Esquema de Seqüência Didática

Cada uma destas etapas tem papel fundamental na elaboração de uma seqüência didática. Seguindo a ordem do esquema, apresentar-se-á uma breve explicação de cada uma, com base na pesquisa de Schneuwly e Dolz (2004).

Apresentação da situação: nessa etapa, o professor deve descrever de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que o aluno deverá desenvolver. Ela os prepara para a produção inicial. Portanto, é o momento em que o grupo constrói uma representação da situação comunicativa.

Produção inicial: possibilita ao professor avaliar (sem dar nota) as habilidades já constituídas pelo educando, e adequá-las às atividades e os exercícios previstos na seqüência didática, ou seja, é a visão real das dificuldades e possibilidades da turma.

Módulos: são os exercícios propostos, que fornecerão os instrumentos necessários para abordar e trabalhar o gênero escolhido⁴. Essas atividades, abordam de maneira sistemática e aprofundada, os problemas colocados pelo gênero. O movimento geral da sequência didática vai do complexo ao simples. Desde a produção inicial aos módulos, cada etapa trabalha uma ou outra capacidade necessária para o domínio do gênero.

Produção final: momento em que o aluno pode por em prática os conhecimentos adquiridos, bem como, é também o momento do professor olhar a produção de educando e analisar/constatar se houve o progresso desejado. Se o professor desejar, poderá constituir dessa etapa, uma avaliação do tipo somativa.

2.3 Propondo uma sequência didática para o gênero oral: entrevista radiofônica

No dia a dia, assistimos, ouvimos ou lemos entrevistas dos mais variados assuntos. A entrevista, é um gênero jornalístico que apresenta um encontro entre um jornalista (entrevistador) e alguém que domina ou detêm determinado conhecimento (entrevistado) (Schneuwly ; Dolz).

A sequência didática proposta a seguir, foi pensada para um grupo de alunos dos terceiros e quartos anos do Ensino Fundamental de oito anos, do qual, todos são integrantes da rádio da escola. Assim, propõe-se uma SD sobre o gênero entrevista radiofônica, para que os alunos compreendam-no e utilizem-no adequadamente.

Abaixo se descreve a proposta⁵ de SD:

Apresentação da situação

Objetivos

Compreender o contexto de produção de uma entrevista radiofônica.

Demonstrar a importância ao conjunto de atividades que serão desenvolvidas.

Apresentar questões sobre uma entrevista radiofônica.

Ressaltar a importância da mesma para o bom desempenho da Rádio da escola.

Produção inicial

Solicitar aos alunos que entrevistem um colega (o tema será livre na produção inicial). A atividade será gravada em áudio no laboratório de informática da escola.

Oficina 1

Escutar uma entrevista radiofônica.

Objetivos

Familiarizar-se com entrevistas radiofônicas elaboradas e conduzidas por adultos.

⁴ Cabe ressaltar que o professor deve avaliar as condições e possibilidades da turma ao escolher um gênero, oral ou escrito.

⁵ Esta proposta de SD, até a data de publicação deste artigo, não foi aplicada com os alunos, pois a pesquisa está em processo.

Refletir em grupos sobre o assunto abordado na entrevista.

Oficina 2

Escutar uma entrevista gravada da rádio da escola e uma apresentada por um adulto.

Objetivos

Perceber as diferenças existentes da entrevista de um adulto e na entrevista de uma criança.

Apontar aquilo que se destacou em ambas.

Confrontar as opiniões, elaborando a constatação do grupo.

Oficina 3

Escutar uma entrevista radiofônica na rádio ABC900 (AM).

Objetivos

Perceber e apontar os papéis discursivos existentes na entrevista, ou seja, compreender as características do entrevistado e do entrevistador.

Descrevê-los nas suas especificidades.

Observar se houve domínio do assunto por parte do entrevistado, bem como, se o entrevistador, conseguiu estabelecer o papel de mediador e articulador das informações trazidas, satisfazendo o público ouvinte.

Oficina 4

Assistir ao depoimento de um radialista.

Objetivos

Convidar um radialista da cidade de Novo Hamburgo, para conversar com os alunos na escola.

Valorizar o trabalho do radialista.

Anotar informações sobre o radialista e a rádio na qual trabalha.

Elaborar perguntas a partir das informações trazidas pelo radialista e questioná-lo (improvisação) .

Oficina 5

Visitar a rádio ABC900 (AM) de Novo Hamburgo.

Objetivos

Conhecer o espaço onde os programas de rádio são transmitidos.

Compreender o processo de formulação, elaboração e execução de uma entrevista radiofônica.

Oficina 6

Construir uma entrevista.

Objetivos

Escolher um tema para a entrevista em duplas.

Pesquisar na biblioteca, laboratório de informática e outras fontes de informação.

Coletar documentos de referência.

Documentar-se.

Preparar as questões para entrevista radiofônica.

Ficcionalizar a entrevista radiofônica com o colega da dupla, exercendo o papel de entrevistado e entrevistador.

Produção final

Apresentar a entrevista elaborada e gravá-la.

Objetivos

Apresentar-se nas duas funções; primeiro como entrevistado e após como entrevistador.

Escutar as gravações da produção inicial e da produção final, comparando-as.

Fazer apontamentos sobre as produções.

Escolher uma entrevista do grupo, a qual será apresentada na Rádio Papagaio (rádio da escola) e na rádio ABC900 (AM).

3. Considerações finais

Os Gêneros orais estão presentes no nosso cotidiano, mas é através das práticas escolares, que temos a oportunidade sistematizá-los, pois a escola constitui-se em um espaço de comunicação.

Neste estudo, busca-se ressignificar os gêneros orais no contexto escolar, que nesse momento⁶ preocupa-se em refletir sobre as concepções de gêneros a partir de autores como Bakhtin, Bronckart, Schneuwly, Dolz, Marcuschi, e outros.

A proposta de SD, para o grupo de alunos da “Rádio Papagaio”, está na sua fase inicial de aplicação, dessa forma não é viável apresentar resultados, mas torna-se interessante dizer que o grupo envolvido demonstra-se motivado, e a interação entre todos é muito visível. Pois o grupo está buscando alternativas que oportunizem a aprendizagem, através das relações que estão estabelecendo entre a rádio, os gêneros, bem como, a função que exercem como interlocutores e mediadores desse processo de reflexão junto aos colegas em sala de aula.

Então, quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas. O objeto de trabalho sendo, pelo menos em parte, descrito e explicitado, torna-se acessível a todos nas práticas de linguagem de aprendizagem. (Schneuwly e Dolz, 1999, p.15)

⁶ A dissertação que originou esse artigo.

4. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, I.M. e CORDEIRO, G.S. 2004. O interacionismo sociodiscursivo: como trabalhar com seqüências didáticas e analisar as produções dos alunos de narrativas de aventuras de viagens. *Calidoscópico*. 2 (2): 73-81

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BEZERRA, M. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. IN: DIONÍSIO, A., MACHADO, A.R., BEZERRA, M.A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 37-46.

BORTOLOTTI, N. A interlocução na sala de aula. São Paulo; Martins Fontes, 1998.

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, texto e discursos*. São Paulo: EDUC, 2006. 2ª ed.

CAMPANI, D. *Questões para além da didatização do gênero: um olhar para o ensino de pontuação em seqüência didática sobre o gênero textual conto humorístico infantil*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

DIONÍSIO, A., MACHADO, A.R., BEZERRA, M.A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

GUIMARÃES, A. M. M. O desenvolvimento de narrativas e o processo de construção social da escrita. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v.2, n.02, p.67-72, jul./dez. 2004.

KLEIMAN, A. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. & MORAES, S.E. *Leitura e interdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MEC/SEF. Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

ROJO, R. (org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SCHNEUWLY, B. ; DOLZ, J; Colaboradores. *Gêneros orais e escritos/ tradução o organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: *Revista Brasileira de Educação*. N.º11, p. 5-16, maio/jun/jul/ag., 1999.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004